

**A jornada do herói: Uma proposta
para o letramento literário**

**The hero's journey: A literary
literacy proposal**

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as possibilidades de se trabalhar A Jornada do Herói, tendo como referência o modelo apresentado por Joseph Campbell em “O Herói de Mil Faces”, com o objetivo de motivar o educando a compartilhar suas vivências, incluindo o período de pandemia por COVID-19, e narrativas de protagonistas de jogos, séries, entre outros. A partir disso, procurar-se-á mediar a construção do conhecimento em literatura nos anos finais do Ensino Fundamental. Para esta análise, serão considerados o nosso saber profissional e a análise de obras que nos permitirão traçar um percurso para despertar e envolver o educando no letramento literário, concebido segundo o autor Rildo Cosson (2021). Serão apresentadas algumas sugestões de atividades para análise da proposta.

Palavras-chave: Jornada do Herói. Ensino Fundamental. Letramento Literário.

ABSTRACT:

This paper aims to reflect on the possibilities of studying the Hero's Journey based on the model presented by Joseph Campbell in “The Hero of Thousand Faces”, in order to motivate the student to share their life experiences, including the period of pandemic by COVID-19, and narratives of main characters of games, TV series and others. Then we intend to mediate the knowledge building about literature according to the contents to final years of elementary school. For this analysis we use our teaching knowledge, papers and books that will allow us to trace a way to awake and involve the student into literary literacy, according to Rildo Cosson (2021). Some suggestions of activities will be presented in order to analyze the results this paper proposal.

Keywords: Hero's Journey. Elementary School. Literary Literacy

Márcia Valdier¹

INTRODUÇÃO

É comum ouvir, na sala dos professores e em reuniões pedagógicas, os educadores da Educação Básica dizerem que nossos educandos não gostam de ler e que gostam menos ainda de ler literatura clássica ou canônica e que muitos dos trabalhos propostos são cópias de sinopse disponibilizadas em sites na internet. Não vamos, neste momento inicial dos nossos estudos, nos deter em definir Literatura e nem em diferenciar literatura clássica

¹ Universidade Federal de Viçosa. E-mail: marcia.valdier@ufv.br.

e canônica e, sim, refletir sobre as dificuldades em motivar nossos educandos para a leitura de textos literários já consagrados e exigidos nos currículos das escolas de Educação Básica, considerando que:

[...] a literatura em sua fase mais concreta – os textos – passa por um processo de canonização que se relaciona às leis e normas de funcionamento estabelecidas no interior do sistema (polissistema), por seus elementos constitutivos, entre eles: produtores, consumidores, produtos, repertórios, as instituições e o mercado. (FIDELIS, 2008, p. 10)

O contato inicial com esses textos, muitas vezes, se dá no ambiente escolar de forma desinteressante para o educando e frustrante para o educador.

A partir desses relatos, é possível perceber uma inquietação na maioria dos educadores da área de linguagens, e das demais áreas do conhecimento, e uma constante frustração no que se refere à compreensão e apreensão dos conteúdos ministrados e muitos consideram que o *déficit* esteja, em grande parte, na dificuldade ou desinteresse pela leitura e, portanto, na compreensão dos conteúdos. Além disso, a formação do pensamento crítico é um grande desafio para nós e consideramos ser possível de ser construído, inclusive, a partir das vivências, leituras e interpretações do mundo real, da compreensão de fatos históricos que compõem as narrativas literárias, de reflexões diversas, de aprendizado multidisciplinar, enfim, da compreensão do sujeito como ser social e histórico. Por isso, pensamos ser importante a formação de um olhar crítico sobre a realidade a partir de leituras diversas, tanto de textos do repertório acadêmico demandados nos currículos de referência, que orientam ou determinam a nossa prática, como também por tantos outros que circulam na sociedade.

Assim, “educadores e educandos enquanto sujeitos sociais, culturais, sujeitos de práticas, de pensamentos e valores, de culturas e de identidades diversas” (ARROYO, 2008, p. 136-137) se encontram e têm como objetivo comum a mediação da construção do conhecimento, embora enfrentem condições precárias para tal, desde o desmonte da educação pública pelos políticos, agravado pela pandemia do Covid-19, até as dificuldades de adaptação e acesso ao ensino remoto.

A partir dessa realidade e considerando que “se o trabalho modifica o trabalhador e sua identidade, modifica também, *sempre com o passar do tempo*, o seu “saber trabalhar”” (TARDIF, 2005, p. 57, grifos nossos), e diante dos desafios que enfrentamos

no “chão da escola” no nosso fazer diário, é preciso pensar em metodologias para atuação no ensino remoto, híbrido e, posteriormente, presencial pós-pandemia. Neste sentido, a Jornada do Herói, conceito estudado por Joseph Campbell, poderá nos auxiliar no ensino de leitura, compreensão e produção de textos literários na Educação Básica e, para isso, nos apoiamos em Rildo Cosson (2021) e sua definição de letramento literário e da importância da escola nesse processo. Em seus estudos, Cosson (2021) afirma:

[...] o processo de letramento que se faz via textos literários, compreende, não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2021, p. 12)

Então, vamos pensar o letramento literário na escola como o processo de reconhecimento e compreensão do texto literário, de “escolarização da literatura” (COSSON, 2021, p. 12), ampliando os horizontes dos educandos nas mais diversas formas de expressão literária.

A Jornada do Herói Mitológico será o eixo central para pensar a proposta de letramento literário partindo de relato de vivências individuais, pois, segundo Campbell (2007):

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher, que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos. (CAMPBELL, 2007, p. 28)

Assim, é preciso pensar no sujeito pós-pandemia, um sujeito-herói marcado pela dor da perda, pelo distanciamento social, pelas dificuldades financeiras, pelo aumento das desigualdades, pelo adoecimento emocional, pelo descaso com as políticas públicas, pelo desmonte da educação pública, pela política de negação de direitos, entre outros. Ademais, sabemos que nossos educandos compreendem e produzem textos diversos de circulação na nossa vida cotidiana e escolar, utilizando as tecnologias que estão, cada vez mais, presentes em nossas vidas, mediando relações, comportamentos, transações

financeiras, execução de tarefas, inclusive, o processo de ensino e aprendizagem e tantos outros.

Com isso, pretendemos, neste artigo, apresentar uma proposta que nos leve a pensar possibilidades e caminhos, nos anos finais do Ensino Fundamental das escolas públicas de Educação Básica, para a construção de conhecimento em parceria com autores consagrados e também com os sujeitos da comunidade escolar, utilizando as tecnologias e buscando ampliar o nosso entendimento sobre o conceito de pesquisa-ação para nos auxiliar na compreensão e reflexão das ações a serem planejadas no contexto da prática e da realidade dos sujeitos. Por isso, o que nos orienta é a concepção de Paulo Freire (2020, p. 15) de reflexão sobre a prática docente em favor da autonomia do ser e a construção do pensamento crítico, quando educador e educando constroem o conhecimento mediatizados pelo mundo real, como se apresenta. Nesse sentido, vamos apresentar a Jornada do Herói, fazer algumas considerações sobre o contexto atual e propor algumas atividades. A partir das atividades poderemos definir uma metodologia para o estudo a que nos propomos como possibilidade de aplicação do conceito da Jornada do Herói para o estudo de literatura nos anos finais do Ensino Fundamental.

A JORNADA DO HERÓI MITOLÓGICO

A Jornada do Herói Mitológico é um roteiro com etapas vividas por personagens em narrativas diversas, onde existe eixo central que as liga. Assim, todas narrativas, sejam mitológicas, de contos, epopeias, fábulas, contos de fadas, narrativas bíblicas, possuem as mesmas fases no desenrolar do seu enredo. Este roteiro foi proposto por Joseph Campbell em seu livro *O Herói de Mil Faces*. Posteriormente, Christopher Vogler, a partir do conceito de Campbell e das teorias de arquétipos e o inconsciente coletivo de Carl Jung, afirma que “personagens ou energias (...) se repetem constantemente e (...) ocorrem nos sonhos de todas as pessoas e nos mitos de todas as culturas” (VOGLER, 2006, p.33). Os arquétipos aparecem de forma consciente, ou não, estruturam etapas que se adaptam às narrativas mais modernas, incluindo as que fazem parte do universo dos jovens, como séries e jogos, e, assim, podem comprovar a existência do roteiro básico proposto pelo

autor. Este roteiro que se revela como sendo um padrão nas obras cinematográficas, pensamos que o poderá ser também nas narrativas literárias.

Segundo Vogler (2006), a narrativa é dividida em atos e cada ato possui seus fios condutores:

Primeiro ato: Mundo Comum; Chamado À Aventura; Recusa do Chamado; Encontro com o Mentor; Travessia do Primeiro Limiar;
Segundo ato: Testes, Aliados, Inimigos; Aproximação da Caverna Oculta; Provação; Recompensa;
Terceiro ato: Caminho de Volta; Ressureição; Retorno com o Elixir.
(VOGLER, 2006, p. 34-35)

O esquema apresentado acima, conforme o autor, pode sofrer alterações de acordo com o escritor e com a cultura e o mesmo justifica que isso é possível e necessário porque “o herói tem mil faces” (VOGLER, 2006, p. 35) e, no nosso entendimento, o educando-herói tem liberdade nas escolhas que entender serem necessárias para narrar suas vivências e para a compreensão de narrativas diversas, podendo elencar os correspondentes aos atos sugeridos por Vogler em suas análises e, também, suas produções.

Provavelmente questões de gênero, religiosidade, racismo, política, economia, valores morais, discriminação, feminismo, entre tantas outras, estarão presentes e deverão nos auxiliar no planejamento das aulas seguintes e também na discussão desses temas através da Literatura.

O EDUCANDO E A SUA JORNADA

Sendo assim, a partir da compreensão e desenvolvimento das narrativas através de atos, conforme Christopher Vogler, e da nossa prática em sala de aula, entendemos que nosso educando é um personagem-sujeito-herói em contato com o mundo exterior ao da sua casa, ou dentro dela mesma, e que vivencia aventuras diversas, assim como a vida de cada um de nós na luta pela sobrevivência em tempos de pandemia e do que muitos consideram que será o “novo normal” pós-pandemia. Educadores, educandos, familiares, estamos todos lutando pela sobrevivência e pela manutenção dos nossos direitos de cidadãos em nossas jornadas.

A partir da atividade de compartilhamento das narrativas pessoais dos educandos, cada um poderá se identificar, ou não, com o protagonista e, com isso, perceber que a Jornada do Herói é a nossa própria vida, de nossos colegas e pode ser, também, a do protagonista das narrativas literárias, pois, segundo Dos Santos e Chauvin (2014, p. 80), “podemos fazer relações com momentos que vivenciamos no decorrer de nossa própria vida”

Segundo Fois-Braga (2017, p. 161), “os encontros do viajante com os demais personagens arquetípicos da viagem – percebidos por ele enquanto uma alteridade semelhante ou próxima – concretizam-se em determinadas zonas espaciais.” E, assim, os elementos da narrativa são facilmente apreendidos, sem aquela velha e falha estratégia de aplicação de atividades que pressupõem somente a ação de decorar para depois identificar em fragmentos de textos. Nesse sentido, cada educando poderá se perceber como um viajante-herói-protagonista que se encontra em um contexto, em um tempo, vivenciando situações reais e, ao narrar suas aventuras pela vida, ele encontra outros que, como ele, vivenciam ou vivenciaram ações semelhantes e podemos suscitar um movimento de trocas e de alteridades na prática.

Assim,

[...] percebemos que a viagem é uma estrutura socio-espacial percorrida pelo corpo lá(r) do viajante. Nesse processo o viajante é um sujeito ativo em diálogo com a alteridade que o circunda e o perpassa, agindo e reagindo aos outros com os quais se depara. (FOIS-BRAGA, 2017, p. 169)

Isso levará o educando a compor a sua narrativa. Sabemos que, nas escolas públicas de Educação Básica, nossos educandos enfrentam dificuldades diariamente e que são protagonistas, sozinhos ou com seu(s) responsável(is) na luta pela sobrevivência e que, na maioria das vezes, o ensino de Literatura traz narrativas de personagens, espaços e tempos diferentes dos que eles vivem, ações fantasiosas ou pertencentes a um outro tempo e o narrador é uma pessoa que não conhecem. Sendo assim, sempre é necessário abordar o contexto histórico do autor para, então, apresentar sua obra e, ainda assim, essa não é uma condição garantida para o interesse e o entendimento da narrativa a ser estudada. Mas, ao serem convidados a produzirem uma narrativa ficcional, descobre-se que os nossos educandos são criativos e que os elementos da narrativa, naturalmente,

estão presentes em seus textos. Sendo assim, partir do relato de vivência do educando para estudar as narrativas literárias nos parece ser uma possibilidade para incentivar a leitura e a produção de textos a partir da Jornada do Herói.

Neste sentido, pensar o processo de ensino e aprendizagem é pensar formas para motivar o educando a trilhar o caminho para a compreensão da realidade que nos cerca: uma sociedade que pouco incentiva para a leitura e uma escola que ainda falha em ensinar a partir da realidade do educando. Muitos são os aventureiros que, com o discurso de despertar o educando através do ensino com as mídias, promovem metodologias que requerem equipamentos tecnológicos caros e internet de qualidade, mas não é o nosso objetivo, pois é necessário ter ciência das condições reais do nosso educando e da escola pública. E o nosso cenário real continua sendo o desinteresse dos educandos pela leitura, para o seu acesso e a aquisição do hábito e isso, certamente, se agravou com o advento da pandemia e o que se denominou de ensino remoto. Este, na prática, se caracterizou por carregar plataformas com conteúdos e avaliações de uma forma a potencializar as desigualdades no acesso e, também, na apreensão dos mesmos, causando, inclusive, distanciamento a partir das experiências negativas e frustrantes de tentativas e impossibilidade de compreensão tanto da ferramenta e plataformas utilizadas, quanto da metodologia. E um agravante foi a falta do ambiente propício ao estudo, a disciplina necessária para acompanhamento, a orientação para a realização das atividades e, em muitos casos, as perdas. Essas perdas se diferenciam, porém permeiam todas as famílias, pois perdemos pessoas queridas, condições de sobrevivência digna, acesso aos serviços básicos, relacionamentos. Enfim, estamos falando de uma adaptação ao que é impossível de se adaptar: uma realidade cruel de perdas.

O PROTAGONISTA DA VIDA REAL

O educando descrito no parágrafo anterior é o protagonista de uma história marcada por muitas lutas, muitas dificuldades para sobreviver e para estudar e que, ao chegar no ambiente escolar se depara com uma “educação bancária” (FREIRE, 2020) que exige que ele apreenda conteúdos para ser avaliado como receptor ideal e, se não corresponde a isso é condenado à reprovação e ao estereótipo de aluno-problema.

Assim, é preciso valorizar a história de vida do educando até o momento e as percepções que o mesmo tem da realidade que o cerca, pois a leitura de mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1989, p. 11) e podemos vir a afirmar que a leitura da sua jornada de herói poderá motivá-lo a fazer a leitura de narrativas de outros protagonistas em outros contextos e outros momentos, pois, sendo um humano no seu devir, é também um protagonista e não somente um ser passivo.

Além disso, é necessário pensar em pedagogias para que esse educando possa vir a transformar a sua história a partir de reflexões que serão feitas. Para isso pressupõe-se que os educadores compreendamos que, segundo Alípio de Sousa (2015, p. 73), “a realidade é revogável” e, como tal, podemos acreditar que, através da educação, o educando possa ser o sujeito da sua história e que, se compreendendo e compreendendo a realidade que o cerca, possa transformar essa realidade, como é possível acreditar ao entendermos o que significa educação libertadora de que nos fala Paulo Freire (2015).

Esse é o caminho que estamos traçando para levar os nossos educandos até o letramento literário, pressupondo um trabalho que entendemos como multidisciplinar percorrendo um caminho para “fazer da literatura na escola aquilo que ela é também fora dela: uma experiência única de escrever e ler o mundo e a nós mesmos” (COSSON, 2021, p. 120).

Nesse sentido, o percurso a ser pensado e planejado por nós deve partir da jornada de vida dos educandos, de seus heróis de jogos, de séries, de livros e demais narrativas reais e ficcionais que serão estudadas, compreendidas e também produzidas por nós nos meios físicos e digitais para circular na escola e na comunidade, e estudaremos também as narrativas literárias, ou seja, o letramento literário como “processo de escolarização literária” (COSSON, 2021, p. 12).

A partir do que foi dito anteriormente, faz-se necessário pensar, também, o ensino dos gêneros textuais que fazem parte do dia a dia do educando, pois suas produções e análises literárias poderão circular na comunidade e para além dela, através das múltiplas formas de divulgação, por meios físicos ou digitais.

Educadores se deparam com uma diversidade grande de narrativas e de referenciais do universo de jovens nascidos e crescidos na era tecnológica e muitos de nós não conseguem acompanhar. Isso ocorre porque, por não termos condições

financeiras de acesso ou, ainda, por não recebermos a formação inicial ou a atualização necessária para trabalhar as ferramentas digitais. Segundo Freire (2020), através da “dodicência”, ocorre o compartilhamento de saberes e, neste caso, também entre educandos – educandos – educadores – educadores – comunidade, pois o processo de ensino e aprendizagem poderá envolver todos, sendo um chamamento para a compreensão e produção dos multiletramentos por todos da comunidade.

Segundo Rojo e Barbosa (2015),

[...] podemos dizer que uma possibilidade de contemplar esses novos gêneros, práticas e procedimentos hipermodernos (e digitais) na escola, é, organizá-los por esfera de circulação dos discursos. Essas esferas, claro, mudaram seu funcionamento e sua ética, seu *ethos*, na hipermodernidade, mas continuam muito vivos e atuantes. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 141)

Assim, reunir gerações, misturar as manifestações dos diversos gêneros textuais e a utilização de ferramentas e recursos diversos, pressupõe um compartilhamento e construção de saberes plurais.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Este planejamento contendo algumas atividades para análise de resultados e adequações necessárias deverá ser de acordo com o currículo do ano escolar e conteúdos a serem estudados, além de contemplar os descritores indicados no mesmo. Sendo assim, no primeiro momento, será aplicada a etapa inicial do estudo e que poderá ser adaptada ao ano de atuação do educador.

Assim, em diálogo com os educandos, pode-se sugerir que:

- a) Narrem suas histórias de vida, suas vivências durante o período de pandemia.
- b) Respondam:
 - Você se considera um herói por estar aqui hoje?
 - O que você sente pelo que você viveu durante a pandemia?
 - Qual a razão para que sinta o que nos descreveu?
- c) Compartilhem com um colega e depois com a turma: o que mudariam e o que vão mudar em seus comportamentos.

Para essa atividade, a metodologia da roda de conversa nos parece ser adequada e a aplicação de questionário para coleta de dados sobre a percepção de arquétipos de protagonistas poderá fornecer subsídios para os passos seguintes: o estudo do conceito de herói; a sistematização e análise dos dados coletados; planejamento dos percursos do estudo. Acreditamos ser necessário apresentar o conceito de Jornada do Herói, de acordo com os estudos e obra de Christopher Vogler.

No momento seguinte, as leituras diversificadas de livros na biblioteca da escola, algumas sessões de cinema com episódios de séries e compartilhamentos de aventuras de protagonistas dos jogos de videogame serão direcionadas para que os educandos reconheçam nas narrativas o desenrolar da Jornada do Herói do protagonista.

Finalmente, como possibilidade de atividades para este leitor digital, educandos podem ser convidados a realizar apresentações das narrativas gravadas, gravar podcasts, criar blogs literários, participar de clubes de fans (Fandom), pois, segundo Miranda (2009, n.p.), a partir disso, pode-se formar um leitor que, “além de receber, compreender e interpretar um texto individualmente, procura nos livros a oportunidade de participar de uma comunidade na internet” e, com isso, pensar em estratégias que possam despertar o interesse pelo conhecimento e leitura de autores diversos regionais, nacionais, contemporâneos e clássicos, aqueles consagrados pelos movimentos literários da Literatura Brasileira. Com isso, procurar-se-á, em parceria com os educandos, a construção de planejamentos para pensar a realização de projetos que contemplem o letramento literário na Educação Básica, que entendemos importante ocorrer através da escolarização, sua circulação pelo ambiente escolar e pela comunidade, buscando valorizar as produções dos sujeitos da escola e também de artistas locais, pois a produção pode e deve ser multidisciplinar e contar com o apoio das tecnologias disponíveis na escola e também na comunidade, pois, segundo Cosson (2021),

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. (COSSON, 2021, p. 120)

Dessa forma, pretende-se envolver a comunidade e instituições às quais os nossos educandos pertençam nas mais diversas narrativas e produções, como forma de extrapolar

os muros da escola e prestar serviços à comunidade valorizando o educando como sujeito e protagonista da sua Jornada de Herói nos espaços reais por onde circula e escreve diariamente a sua história, “uma experiência única de ler e escrever o mundo e a nós mesmos” (COSSON, 2021, p.120).

Assim, podemos inferir que teremos chance de formar um leitor que, a partir do compartilhamento de narrativas, produção de gêneros diversos e que se expande para a apreciação e análise de textos literários locais, regionais e nacionais compreendendo o tempo e o espaço do sujeito da narrativa e dialogando com a sua cultura e com a de outros. Pode-se pensar em formar um leitor crítico e que, como leitor crítico será, também, cidadão crítico no tempo e espaço em que vive e, como tal, poderá lutar para transformar a realidade e escrever uma história com relações menos desiguais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, trazer o conceito de Vogler da Jornada do Herói para a sala de aula, partindo da jornada de luta de cada educando, educador e comunidade, principalmente em tempos de luta contra a pandemia, de dores por perdas, de distanciamentos, de embates para sobrevivência, poderá ser uma possibilidade para o ensino das narrativas literárias a partir da realidade vivida.

Essa proposta permitirá a aproximação dos estudos feitos nas universidades à prática da sala de aula nas escolas de Educação Básica visando ao sucesso de uma jornada que exigirá dos atores-heróis muitas lutas até a conquista da educação que se deseja de qualidade e libertadora em suas infinitas dimensões e para todas, todos e “todes”.

Nossa jornada dependerá da união de todos na luta pela educação, cuja situação atual é de potencialização da marginalização e de retrocessos nas políticas educacionais. Lutamos por uma educação pública de qualidade e acessível a todos: educadores e educandos, pois o processo de busca por atualização profissional sugere sempre uma evolução linear e contínua, e “a afirmação profissional do professor é um percurso repleto de lutas e de conflitos, de hesitações e de recuos” (NÓVOA, 1999, p. 21), mas que fazem com que o trabalho docente seja reinventado e que aconteça da melhor forma possível no cotidiano das escolas, principalmente as públicas.

E, por isso, o que pretendemos é pensar o nosso fazer a partir das nossas vivências e da vivência dos nossos educandos. Que eles possam descobrir, pelo viés da Literatura, que o ser humano é uma unidade complexa e que há uma identidade comum a todos, pois, segundo Morin (2011, p.17), a educação é importante para a compreensão em todos os níveis e idades.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G.. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007. Tradução de Adail Ubirajara Sobral.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- DESOUSA FILHO, Alipio. **Tudo é construído! Tudo é revogável!**: a teoria construcionista crítica nas ciências humanas. São Paulo: Cortez, 2017.
- FIDELIS, Ana Cláudia e Silva. **Do Cânone Literário às Provas de Vestibular: canonização e escolarização da literatura**. 2008. 238 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez e Editores Associados, 1989.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63. ed. Rio de Janeiro /São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 75. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- FOIS-BRAGA, Humberto. **Romances de Viagem: políticas e poéticas da mobilidade contemporânea na coleção literária Amores Expressos**. Tese de doutoramento (inédita). Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya.
- NÓVOA, António (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999.
- MIRANDA, Fabiana Mões. FANDOM: UM NOVO SISTEMA LITERÁRIO DIGITAL. **Hipertextus Revista Digital**, [s. l], n. 3, p. 1-21, jun. 2009. Semestral. Disponível em: www.hipertextus.net. Acesso em: 30 set. 2021.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P.. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.
- SANTOS, Robson Rodrigues dos; CHAUVIN, Jean Pierre. A JORNADA DO HERÓI COMO VIVÊNCIA, E NÃO COMO NARRATIVA. **Rehutec: Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, Bauru, v. 04, n. 01, p. 64-115, dez. 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. Tradução de Ana Maria Machado.